

Trabalho familiar no artesanato de pedra sabão - Ouro Preto, Brasil

Zuleica C. Castilhos, Olívia Maria de Paula Alves Bezerra,
Maria Helena M. Rocha Lima, Alessandra Portugal e Núria F. Castro

INTRODUÇÃO

No presente documento, descreve-se o trabalho familiar numa região do Brasil que deve sua história e seu desenvolvimento à exploração de matérias primas minerais, a região de Ouro Preto, no Estado de Minas Gerais.

Hoje, nessa região, a indústria mineral continua sendo uma importante fonte de renda com a exploração de ferro e manganês, gemas, e rochas e minerais industriais e a produção de alumínio. A pequena mineração restringe-se à exploração de gemas e algumas rochas como a pedra-sabão.

A pedra-sabão é uma rocha, esteatito, cuja formação é atribuída à transformação hidrotermal de rochas ultrabásicas (Roeser, 1979 e Silva, 1997 apud Silva, 2003). O principal componente do esteatito é o talco, um filossilicato de magnésio hidratado, que é explorado na região em várias minas. Por se tratar de uma rocha macia, pois o talco é o mineral de menor dureza na escala MOHS (escala de referência da dureza dos minerais)¹, a pedra-sabão é fácil de ser trabalhada manualmente.

A utilização dessa rocha é a fonte de renda de um grande número de famílias artesãs que elaboram esculturas, objetos decorativos e utilitários, especialmente em algumas localidades rurais da região de Ouro Preto; herança da rica tradição que até hoje turistas do mundo inteiro podem apreciar nas cidades históricas e que tem como um dos expoentes o Mestre Antônio Francisco Lisboa, Aleijadinho, o maior escultor do Barroco brasileiro. O artesanato por eles produzido é vendido no país e fora dele.

Mostram-se aqui os resultados de um estudo exploratório, realizado em 2005, em uma pequena comunidade de artesãos da pedra-sabão, na região de Mata dos Palmitos, sub-distrito de Santa Rita de Ouro Preto, situado no município de Ouro Preto. O estudo está focalizado nas unidades familiares, nas relações de gênero, nas questões de segurança e saúde, e nas condições de trabalho dessas famílias, em especial onde se encontraram mais núcleos de produção de artesanato chefiados por mulheres e até constituídos unicamente por mulheres. Com o objetivo de evitar a individualização, os artesãos e artesãs entrevistados não são identificados neste trabalho².

SELEÇÃO DE ÁREA E METODOLOGIA

Como primeira área de estudo em campo, sob a perspectiva de gênero e trabalho infantil na pequena mineração no Brasil, foi selecionada uma comunidade dedicada quase integralmente ao artesanato mineral; o artesanato em pedra-sabão. A comunidade escolhida reside e inclui a quase a totalidade da população da localidade de Mata dos Palmitos, no Município de Ouro Preto, no estado de Minas Gerais.

Não foi escolhida uma atividade de “mineração” propriamente dita, como pode ser um garimpo de gemas, ouro ou pequenas pedreiras e sim essa atividade, que também faz parte do setor mineral³, por diversos motivos.

Em primeiro lugar porque a participação do trabalho feminino e infantil, além do masculino, no artesanato mineral, é maior que em outras atividades de mineração ou correlatas. Em segundo lugar, pela grande importância histórica, cultural e econômica do artesanato em pedra-sabão, como única fonte de sobrevivência para a maior parte das famílias dessa localidade. Em terceiro lugar, porque em Mata dos Palmitos, além de todos os problemas comuns às atividades econômicas informais, de cunho familiar, os artesãos enfrentam um grave problema adicional; a ocorrência de doenças pulmonares pela aspiração da poeira de talco e outros componentes da rocha, observada em estudos anteriores (BEZERRA, 2002).

Por último, e talvez o mais importante, porque a equipe interdisciplinar, constituída por profissionais em diversas áreas técnicas - nutrição, meio-ambiente, economia, sociologia e engenharia de minas -, contou com o apoio e a atuação imprescindível de uma das autoras deste, a Dra. Olívia Bezerra, professora da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, e precursora de estudos na região, bem como com o apoio da UFOP. De igual forma, contou-se com o apoio do Departamento Nacional de Produção Mineral, DNPM, de Minas Gerais, que cedeu um carro com motorista e um de seus técnicos, o Engenheiro Gilberto Eleutério, para acompanhar à equipe. Isso permitiu uma rápida aproximação dos artesãos com as pesquisadoras que, dificilmente teria sido conseguida em uma primeira visita ao local.

Na visita, foram colhidas informações através de observações diretas dos componentes da equipe e entrevistas informais com 14 artesãos e 19 artesãs de sete unidades familiares. Foi escolhida a unidade familiar como célula básica de observação deste estudo preliminar porque se trata de um tipo de artesanato que é realizado, na grande maioria das vezes, na área peridomiciliar, em um processo produtivo no qual a participação feminina é expressiva e muito importante.

Encontramos assim, no local de estudo, alguns dos principais fatores que contribuem para o trabalho infantil e adolescente;

- seu caráter familiar, pois o artesanato é produzido nos quintais dos domicílios, envolvendo todos os integrantes da família,
- a falta de alternativas econômicas em uma zona rural, de difícil acesso, e

- o fato das mulheres trabalharem e, muitas vezes, chefiarem essas unidades produtivas: responsáveis em nossa sociedade, pelo cuidado e educação dos filhos, estando normalmente acompanhadas por eles.

Este primeiro contato da equipe de trabalho objetivou observar e estabelecer um vínculo direto com mulheres e homens que representam parte das artesãs e dos artesãos produtores de objetos ornamentais de pedra-sabão, assim como colher dados que possam dar início a uma pesquisa mais elaborada e à formatação de um questionário que possa ser aplicado ao universo de mulheres e homens dessa região.

A equipe deteve-se na observação e no entendimento do processo de produção e em suas relações de gênero, na comercialização das peças de artesanato, aspectos de saúde ocupacional e no significado desta atividade para os artesãos, homens e mulheres.

LOCALIZAÇÃO

O sub-distrito de Mata dos Palmitos localiza-se na encosta direita do Vale do Bandeira, a aproximadamente 9km da sede do distrito de Santa Rita de Ouro Preto e a, aproximadamente 40Km ao sul da sede urbana do município de Ouro Preto (Imagem 15, página 202). Mata dos Palmitos é um vilarejo, num pequeno vale, cujas casas, de aspecto simples, estão distribuídas entre a margem do rio e a estrada de terra que percorre a vila.

As temperaturas locais são amenas ao longo do ano (media anual de 17,4 °C e máxima de 22,6 °C), embora ocorram temperaturas mínimas diárias bastante baixas de junho a setembro. A precipitação anual, bastante regular, é de 2.018mm, principalmente entre os meses de outubro a março. O clima é classificado como tropical de altitude.

A cobertura vegetal nativa caracteriza-se pela predominância de campos e ca-poeiras. As palmeiras, que deram nome à localidade, já não existem mais. Há duas nascentes de água, utilizadas pela população para lazer e abastecimento domiciliar. A topografia é bastante acidentada, constituída basicamente por terreno montanhoso e em grande parte dos solos, pobres em matéria orgânica, predominam afloramentos de rochas, o que os torna inadequados para o cultivo agrícola.

CONTEXTO SOCIAL

Segundo dados de 2001, a população local é constituída por aproximadamente 180 habitantes, dos quais cerca de 60% são adultos e se dividem na mesma proporção entre homens e mulheres. A população habita em 33 domicílios, em uma relação média de 5,4 moradores por domicílio (BEZERRA, 2002). Aproximadamente 80% da po-

pulação é negra ou parda. Esta população vive, basicamente, do artesanato em pedra-sabão. Outras fontes de renda, temporárias ou não, são a prestação de serviços nas minerações de talco e pedra-sabão próximas e a extração de carvão vegetal, ambas exercidas por homens. Algumas mulheres trabalham como empregadas domésticas em localidades vizinhas.

A população de artesãos e artesãs da pedra-sabão, identificada no estudo de 2001, era de 123 pessoas; 59 mulheres, 64 homens, incluindo 15 crianças e 16 adolescentes. Esses números representavam 80% da população de Mata dos Palmitos.

Na visita da equipe, em 2005, foram entrevistadas informalmente 33 pessoas, de sete unidades visitadas. Desses, 19 eram mulheres e 14 homens, entre eles, três adolescentes, duas mulheres de 15 e 16 anos e um homem de 15 anos.

O estudo exploratório evidenciou que a região de Mata dos Palmitos é atendida por uma escola que oferece até a quarta série do primeiro grau com 43 crianças matriculadas. Para continuarem os estudos, os moradores devem se deslocar até a cidade de Santa Rita em veículos escolares cedidos pela Prefeitura, por estradas de terra que, em épocas de chuva, ficam totalmente intransitáveis. Assim, não é de se estranhar o fato de que a maioria da população de Mata dos Palmitos não tenha completado o segundo grau. Especificamente, dentre os 21 artesãos e artesãs que foram entrevistados sobre seu nível de escolaridade, apenas uma mulher completou o segundo grau. Dos 20 restantes, 12 não completaram nem o primeiro grau e duas das artesãs reconheceram ser analfabetas.

Há uma igreja matriz, cuja padroeira é Nossa Senhora Aparecida, sendo a maior parte da população católica. Não há computadores, telefones fixos, ruas asfaltadas nem posto médico.

A maioria dos domicílios é construída em alvenaria sem revestimento, porém, muitos apresentam inadequação de piso, cobertura, infiltrações, etc. Não existe coleta regular pública de lixo na localidade, apenas esporádica, segundo os moradores. Assim, a maior parte dos domicílios descarta seu lixo em terrenos baldios ou nas áreas próximas ao domicílio.

Não há jardins ou áreas de lazer para as crianças. Os espaços de uso coletivo são a escola, a igreja e o campo de futebol e o divertimento consiste em eventos sociais e religiosos, como a festa da padroeira ou partidas de futebol e bailes organizados pelos jovens. As reuniões no bar também são freqüentes e o consumo de bebidas alcoólicas é alto.

Em Mata dos Palmitos não há tratamento de água, nem de esgoto. Segundo Bezerra (2002), mais da metade dos 109 indivíduos examinados em um estudo anterior apresentaram enteroparasitoses e 20% deles tinham mais de uma espécie de parasita. Em relação ao estado nutricional, cerca de 30% das crianças de 0 a 12 anos, apresentaram déficit da relação altura/idade. 25% dos indivíduos de 12 a 18 anos estavam com baixo peso e cerca de 30% das mulheres adultas eram obesas. A anemia ferropriva atingia a cerca de 5% da população local.

O PROCESSO DE PRODUÇÃO

O processo de trabalho artesanal consiste nas seguintes etapas: aquisição da pedra-sabão, seleção e classificação dos blocos, transporte até a unidade de trabalho, preparação manual (corte dos blocos, desbaste), trabalho na serra ou no torno ou manual, acabamento final (polimento, colagem), embalagem e comercialização. Há predomínio de mulheres para artesanato manual e de homens para a serra e torno.

A matéria prima (blocos irregulares, de tamanhos variados entre 30-40 cm e 1 m de diâmetro), é comprada, em geral, a um preço médio de R\$150,00/t de pedreiras das regiões de Bandeiras, Boa Vista, Maciel, Catas Altas, e Ouro Branco. Os homens encarregam-se do transporte do material e os artesãos poucas vezes dividem a compra de matéria prima. Preferem comprar um caminhão de, aproximadamente, 10 toneladas, de forma individual, que durará de 1 a 3 meses, dependendo das encomendas na época. (Imagem 16 na página 203)

A seguir, é feita uma seleção dos blocos para produzir as diversas peças. A seleção do material é feita com base na cor e trabalhabilidade da pedra, principalmente.

“Preferimos a pedra-sabão de cor creme, pois é mais barata, mais macia e mais fácil de ser achada” – artesã.

Alguns artesãos dizem separar também aqueles materiais com maior quantidade de contaminantes, pois dificultam o trabalho, reduzem o valor das peças e podem ocasionar problemas respiratórios. Na visita, embora todos reconhecessem separar o material “ruim”, essa separação não foi observada em todas as unidades.

Após a seleção, os blocos são cortados em peças menores, com uma serra ou um serrote duplo. Também é usada para a preparação das peças uma serra elétrica de disco. Esses trabalhos são normalmente feitos pelos homens (Imagem 17 na página 203).

A partir daí, o processo pode ser totalmente manual, em geral, realizado por mulheres, onde a peça vai tomando forma a golpes rapidíssimos de machadinha (ver Imagem 18 na página 204) ou é trabalhada em um torno elétrico por homens (Imagem 19 na página 204). Depois é finalizada com a lixa, em ambiente seco ou molhado (trabalho também desempenhado por mulheres e, muitas vezes, crianças e adolescentes – Imagem 20, página 205).

O tipo de artesanato depende da unidade familiar, mas há uma especialização incipiente. Nem todas as famílias realizam todo tipo de peças. Algumas unidades familiares são mais especializadas na produção de jogos de xadrez ou damas, enquanto outras produzem mais objetos decorativos como tartarugas, golfinhos e outros tipos de animais. Quase todas, porém, produzem objetos utilitários como castiçais, cinzeiros e potes de diversos tamanhos. São poucos os artesãos e artesãs que, hoje, produzem esculturas manuais, de maior valor artístico (Imagem 21, página 205).

As condições de trabalho de todos os artesãos visitados são inadequadas. Além de realizarem, durante muitas horas por dia, esforços repetitivos, sem cuidados ergonômicos adequados, quase nenhum dos entrevistados usa equipamentos de proteção individual. O ambiente, muito próximo das casas, encontra-se repleto de poeira de talco, que é freqüentemente inalada (em especial perto das serras e tornos), e o nível de ruído dos equipamentos é alto (*Imagem 22, página 206*)

CONTEXTO HISTÓRICO

Em Ouro Preto, a pedra-sabão já era empregada pelos índios que habitavam o Vale do Itacolomi, na confecção de utensílios domésticos. As tradicionais panelas de pedra-sabão, ainda hoje bastante produzidas, foram inicialmente manufaturadas pelos índios Tupinambás.

Porém, após a descoberta de ouro, em 1698, começou a ser utilizada na sua aplicação mais conhecida: na arte da cantaria, na construção de alicerces, marcos, vergas, canalização de água e de esgotos, pias e chafarizes (*Imagem 23, página 206*). Na época colonial foi muito utilizada também pelos artistas portugueses e brasileiros, na estatuária e na ornamentação das igrejas barrocas do século XVIII, na cidade de Ouro Preto (que à época era chamada de Vila Rica e era a capital do atual Estado de Minas Gerais) e outras próximas.

O primeiro ciclo do ouro no Brasil atingiu o seu apogeu em Vila Rica, entre 1741 e 1761, dando grande impulso à construção civil e, conseqüentemente, à utilização dessa rocha. Com o declínio da mineração do ouro, na passagem do século XVIII para o XIX, a cidade entra em decadência, e com isto, a utilização da pedra-sabão experimenta um longo declínio. No entanto, subsiste sua utilização como matéria-prima para a produção artesanal de objetos domésticos, especialmente panelas, nas localidades rurais.

Com a transferência da capital para Belo Horizonte, em 1897, a economia local passa a ser baseada na fundição do ferro, na cultura do Chá da Índia, na exploração do ouro subterrâneo remanescente e na produção de objetos de uso doméstico em pedra-sabão, para o comércio local e das regiões vizinhas.

Em Mata dos Palmitos, a produção de artesanato em pedra-sabão remonta ao início do século XX e sua história está associada à fazenda do Engenho da Boa-Vista. Os primeiros habitantes da Mata dos Palmitos migraram com o objetivo de explorar o palmito nativo na região e a pedra-sabão, com a qual produziam panelas. Inicialmente os artesãos exploravam a pedra-sabão e produziam as panelas em tornos movidos por energia hidráulica, instalados nos cursos d'água, geralmente afastados do ambiente domiciliar.

Muito mais tarde, a partir da década de 1950, o município de Ouro Preto experimentou uma recuperação econômica com a produção de alumínio primário e com a exploração de jazidas de minério de ferro na região, mas na década de 1960

houve uma forte diminuição da demanda dos utensílios em pedra-sabão, que foram sendo substituídos, no mercado regional, por panelas de alumínio. Assim começou a diversificação dos produtos que, gradativamente foram sendo trocados por peças de artesanato. A partir desse momento, as mulheres passaram a improvisar, em suas residências, locais para produção de esculturas de pequenas dimensões, como figas, santos, bichos, anjos, etc, e de objetos utilitários torneados, como copos, pratos, vasos e outros utensílios, mediante a utilização de tornos, movidos manualmente, na área peridomiciliar. Cabia aos homens, nesse momento, a extração da rocha nas pedreiras da região, para utilização pelas mulheres.

Na década de 70 já não se produziam mais panelas, e ocorreu uma importante modificação no processo: a pedra-sabão passou a ser comprada, pelos artesãos, em mineradoras que se instalaram na região, impedindo o livre acesso à matéria-prima.

Porém, a partir de 1980, quando a cidade de Ouro Preto foi declarada Patrimônio Histórico da Humanidade pela Unesco, e especialmente na década de 90, com o declínio da produção do alumínio, o turismo passou a ser a atividade considerada como a alternativa mais viável de recuperação econômica. Como conseqüência, houve um grande aumento da produção de artesanato em Mata dos Palmitos, segundo relato dos moradores, e quase a totalidade da população passou a trabalhar nessa atividade.

Outra importante modificação deu-se no final dos anos 90, quando a população local passou a ter acesso à rede de eletrificação rural, introduzindo a energia elétrica no processo de torneamento das peças, em substituição à roda d'água. Esse fato permitiu o aumento da produtividade e a diversidade de peças, especialmente possibilitando a produção de peças torneadas de maiores dimensões, em um tempo bem menor.

Uma conseqüência imediata da eletrificação foi a introdução da serra elétrica no processo produtivo, permitindo a produção em série de peças de traços retilíneos. Ocorreu, portanto, o aumento da produção assim como o prolongamento da jornada de trabalho. Além disso, com a eletrificação do processo as unidades de produção passaram a ser instaladas nas áreas anexas aos domicílios.

A produção em série deu início a um processo de descaracterização das peças e dos traços originais do artesanato local. No entanto, nos últimos anos, surgiu uma demanda mais qualificada a partir de uma divulgação dos produtos no âmbito nacional, que promoveu uma revitalização das características locais das peças. A escultura manual ganhou nova dimensão, sendo requisitada em grande escala pelos compradores, o que intensificou a inserção das mulheres e das crianças no processo produtivo.

Porém, concomitantemente, a dificuldade em se adquirir a matéria prima, ainda segundo relato dos artesãos, fez com que muitos interrompessem essa atividade, migrando para a extração de carvão vegetal (*Imagem 24, página 207*). Pode-se afirmar,

no entanto, que ainda hoje, os distritos de Santa Rita de Ouro Preto e Cachoeira do Campo têm suas economias fortemente dependentes da transformação artesanal da rocha.

SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO

O processo produtivo antes descrito apresenta muitos riscos ocupacionais para os artesãos, sendo os principais riscos físicos as quedas, cortes, amputações, vibração, ruído, temperatura e ventilação deficientes; os principais riscos químicos a exposição à poeira, cola, e tinta; e os principais riscos ergonômicos os movimentos repetitivos e posturas inadequadas.

A matéria prima, o esteatito da região, é uma rocha composta principalmente por talco, acompanhado de proporções variáveis de clorita magnésiana, carbonato, anfíbios e alguns sulfetos (SILVA, 2003). Os anfíbios são do tipo actinolita – tremolita ou antofilita, fibras de asbesto potencialmente cancerígenas. As principais vias de exposição aos riscos químicos são, principalmente, a inalação e também a dérmica e oral.

A inalação da poeira de talco ao ser trabalhada a rocha, pode provocar danos irreversíveis aos pulmões, entre eles a talcose ou suas variações (talcoasbestose, talco-silicose). Pode ser causa também de doenças pleurais, doenças respiratórias das vias superiores, como bronquite, asma, e também dermatites de contato e doenças gastro-intestinais. Outros efeitos extremamente importantes e potencialmente vinculados à exposição ao anfíbio, são mesotelioma de pleura, câncer broncogênico e câncer de pulmão (ALGRANTI ET AL., 2000, CAPITANI, 1994 APUD BEZERRA, 2002).

As principais queixas dos artesãos foram relacionadas ao ambiente inadequado para o trabalho, o excesso de poeira, a irritação causada pela deposição de partículas minerais na pele, a inadequação e alto custo dos equipamentos de proteção individual, disponíveis no mercado local e os cortes resultantes do trabalho na serra elétrica e na machadinha.

“Tem pedras que têm ‘agulhas’ que fincam na pele, coçam, tem que tirar com canivete. A areia da pedra dá sarna nas pernas, nos braços e aonde encostar” - artesã manual de esculturas.

Nas unidades visitadas, apenas dois artesãos que operavam tornos faziam uso de máscara simples de proteção (que segundo estudos já realizados, não protege adequadamente), e o restante não usava nenhum equipamentos de proteção, embora soubessem dos riscos a que expõem sua saúde. As respostas para a não utilização desses equipamentos foram diversas, sendo a mais comum a dificuldade de se trabalhar com eles, pelo incômodo que causam.

“O óculos (*sic*) é impossível, embaça e não dá pra ver nada. A máscara incomoda, mas se fosse obrigado a usar eu a usaria.” - artesão torneiro e serrador.

No estudo de saúde realizado em 2001, dentre 117 artesãos radiografados, alguns dos quais já haviam trabalhado também em pedreiras, 11 apresentaram alterações radiológicas compatíveis com suspeita de pneumoconiose e cinco apresentaram imagens pulmonares radiologicamente bem definidas, indicativas de casos da doença. Desses, 62,5% eram mulheres. 81% dos suspeitos de pneumoconiose dedicavam-se a escultura manual, o que pode explicar o maior índice de mulheres com doenças pulmonares, pois são elas as que, normalmente, realizam esse tipo de trabalho (BEZERRA, 2002).

COMERCIALIZAÇÃO E ASSOCIATIVISMO

Conforme já relatado, os primeiros moradores desta vila já exploravam a pedra-sabão para fabricar panelas e utensílios de cozinha. Na década de 70 já não se produziam mais panelas e a partir dos anos 80 houve um grande aumento da produção de artesanato, quando quase a totalidade da população passou a trabalhar com a pedra-sabão. Porém, nos últimos anos, o alto custo da matéria-prima (comprada de mineradoras), tem feito, segundo relatado pelos artesãos, com que muitos abandonassem essa atividade, migrando para a extração de carvão vegetal. De pouco mais de 30 domicílios em 2001, pelo menos em 15 deles havia produção de artesanato (BEZERRA, 2002), mas segundo os artesãos, o número de pessoas que trabalham a pedra na região diminuiu muito nos últimos anos devido, principalmente, à escassa taxa de retorno que se obtém dessa atividade. Entretanto, para a maioria das famílias da região, grande parte da renda familiar provém da venda das peças de artesanato em pedra-sabão. Em alguns casos, cada vez mais, essa renda é complementada com outras atividades, como a lavra nas pedreiras de talco e a extração de carvão vegetal.

O produto desses artesãos é vendido no mercado regional, na Feira de Pedra-Sabão de Ouro Preto (Imagem 25, página 207), em lojas de todo o país e até no exterior. O preço das peças chega a aumentar em 1500%, conforme verificado pela equipe. Foi verificado que um mesmo tabuleiro de xadrez, comprado por 10 reais na casa dos artesãos, é vendido em um *shopping center* do Rio de Janeiro por 150 reais. Provavelmente, esse mesmo tabuleiro custe em torno de 100 Euros no mercado europeu (Imagem 26, página 208).

Nas entrevistas informais realizadas, a renda média mensal das famílias está entre um e dois salários mínimos por mês. Um estudo de 2001 (BEZERRA, 2002), calculou que, segundo relato dos moradores à época, a renda mensal per capita correspondia aproximadamente a um terço do salário mínimo.

“Minha família trabalha muito, mas não ganha nada.....não gostamos de trabalhar com pedra, mas não tem outra opção.....A pedra é cara e a lixa tá (sic) mais cara do que a pedra, a pedra é muito ruim, com areia e agulha, coça muito e estraga a pele”.
– artesã de esculturas manuais.

A maior parte das famílias artesãs da região produzem peças apenas sob encomenda, dependendo de demanda externa. Quando essa demanda é muito alta são recrutados familiares ou artesãos de outras famílias para cumprir os contratos. Assim, parece haver uma reserva de artesãos em Mata dos Palmitos. Trata-se de familiares que, por vezes, moram em cidades próximas e que já não trabalham na pedra-sabão por diversos motivos, mas que acodem em auxílio dos artesãos quando é necessário produzir grandes quantidades.

No Distrito de Santa Rita existe uma Associação de Artesãos, que não conta com um nível alto de adesão, dificultando o corporativismo e facilitando a concorrência predatória entre eles.

“A concorrência é o pior, quem faz mais peças vende mais barato. A concorrência é desleal, o nosso trabalho é muito desvalorizado”. – artesão torneiro e serrador.

A associação conta com 20 associados apenas e nenhuma das famílias visitadas em Mata dos Palmitos pertence a ela. A maioria dos artesãos conhece a associação, e muitos comercializam suas peças através dela, mas não acham interessante se associar. Acredita-se que isso se deva, principalmente, à percepção de que não aporta nenhum benefício. Algumas famílias mostraram intenção de montar uma associação independente da de Santa Rita.

“Não vale a pena se associar. Demora a vender a peça, na casa vende mais” – artesão torneiro e serrador.

Das entrevistas realizadas pela equipe, infere-se, que a associação não tem muita iniciativa para mobilizar outros artesãos. Na opinião de artesãos associados:

“As pessoas não têm interesse em se organizar e também a associação precisa de um lugar que não pagássemos aluguel e um espaço para expor nossas peças” – artesã associada.

“Para melhorar nossas condições de trabalho precisaríamos de equipamentos melhores e ajuda do governo para criar uma associação de artesãos que funcionasse melhor. A vantagem de ser associado é poder tirar nota fiscal para vendas grandes”
– artesão associado.

PERSPECTIVA DE GÊNERO

Pelo interesse da equipe na questão do gênero⁴, foram escolhidas para a visita unidades familiares, em sua maioria, chefiadas por mulheres. A análise de gênero será uma ferramenta importante para elaborarmos os diagnósticos a respeito das relações que se estabelecem entre homens, mulheres e crianças, artesãos de Mata dos Palmitos, pois a questão de gênero esta intimamente relacionada com a desigualdade social. E importante que em primeiro lugar as diferenças sejam notadas e estabelecidas para que o próximo passo possa ser a intervenção consciente.

Mesmo nas unidades chefiadas por mulheres, há uma clara divisão sexual de tarefas nos grupos de artesãos visitados. Os homens trabalham nas pedreiras, transportam a pedra, cortam no serrote ou na serra de disco e também torneiam as peças. As mulheres, e por vezes crianças, trabalham na escultura manual, colam, acabam e lixam as peças.

Observa-se nas unidades familiares visitadas, como na maioria das famílias da nossa sociedade, que as mulheres são responsáveis, também, pelo cuidado da família o que implica na educação dos filhos e os afazeres domésticos, além de seu trabalho na produção de artesanato. Assim, interrompem a rotina do trabalho para se encarregarem das tarefas domésticas e preparar a comida, retornando depois ao trabalho com a pedra.

Os filhos, quando não estão na escola – lembrando aqui que a escolarização na maioria das crianças não ultrapassa o ensino fundamental e, mesmo assim, os cursos são ministrados em apenas um turno, de manhã, de tarde ou de noite, dependendo do nível – ficam com suas mães no ambiente familiar, ou seja, no ambiente de produção de artesanato.

Foram visitadas duas unidades produtivas onde a produção de artesanato era tarefa exclusivamente masculina, porém, somente em uma delas, conforme se depreende das entrevistas, todo o trabalho era realmente realizado por homens, pois na outra se pode observar a participação feminina, mesmo que não reconhecida:

“as mulheres não trabalham na pedra-sabão; apenas lixam” – artesão.

Em outras duas a situação era a oposta, não havia homens artesãos, sendo todo o trabalho desenvolvido por mulheres, embora, novamente observa-se mediante as entrevistas que os homens sim participam do processo produtivo, em atividades que, neste caso, por parte das mulheres, não são reconhecidas como parte do processo artesanal:

“os homens não trabalham na pedra-sabão; eles só transportam a pedra e a cortam” - artesã de esculturas manuais.

É interessante observar o significado do trabalho da pedra para esses artesãos e essas artesãs. Eles desvalorizam a finalização das peças, lixar, enquanto elas fazem o mesmo com a fase inicial do processo, a preparação para o trabalho manual. Em ambos os casos, parece existir uma tradição na comunidade estudada, segundo a qual as mulheres lixam e os homens preparam as peças, mesmo que isto seja feito nas horas vagas de suas atividades principais.

Nas três unidades restantes, a produção de artesanato era mista, ou seja, trabalhavam homens e mulheres na elaboração das peças. Nelas, a divisão de tarefas é muito clara, conforme já citado, embora às vezes, quando a demanda o requer, uns possam ajudar aos outros em suas atividades sexualmente diferenciadas.

Como já foi dito, quatro das unidades visitadas eram lideradas por mulheres e nelas, todas as mulheres integrantes da família que moram na vila, inclusive algumas crianças, colaboram com a produção familiar. Nessas unidades, as mulheres somente abandonam o artesanato com pedra-sabão quando casam e vão morar em outras localidades com os maridos. Nas unidades exclusivamente masculinas, as mulheres da família, mesmo colaborando quando necessário, trabalham em outras atividades (por exemplo, como empregadas domésticas). Observa-se aqui a importância de se estudar as atividades econômicas normalmente informais, de cunho familiar, desde a perspectiva de gênero, pois parecem ser as mulheres as maiores responsáveis pela manutenção da tradição familiar e da inclusão de outros membros nessas atividades, incluindo as crianças/aprendizes, que em nossa sociedade costumam ficar com as mães.

Também foram identificadas atitudes diferenciadas entre homens e mulheres a respeito da realização pessoal no trabalho com artesanato em pedra-sabão. Nenhum dos entrevistados mostrou sentimento de realização, porém suas atitudes para mudar essa situação são muito diferentes. Enquanto muitos homens, mostrando insatisfação, estão migrando para outras atividades, mesmo que sazonalmente, as mulheres, em geral, permanecem no artesanato e mostram resignação pela falta de opções, como pode se observar nos comentários a seguir:

“eu faço porque tenho que fazer, gostar eu não gosto, o pior é o preço, o trabalho não é valorizado” – artesã.

“gosto mais ou menos..mas não há outra coisa.” – artesã.

“prefiro o trabalho de motorista pois mesmo ganhando a mesma quantia, não vale pena se dedicar ao artesanato. O trabalho não é valorizado, a concorrência grande, muitas peças iguais e a venda fraca” – artesão.

Por ultimo, os homens mostraram atitudes mais empreendedoras. A associação de artesãos é liderada por homens, alguns têm implementado melhoras tecnológicas e de segurança e proteção à saúde no processo produtivo e, mostram ser mais pro-ativos como pequenos empresários ou buscam outras atividades para seu sustento. A atitude das mulheres parece ser bem diferente. Apenas duas das mulheres visitadas demonstraram atitudes empreendedoras, as duas, aparentemente, como única opção de sustento a partir de sua viuvez. Uma delas vende a produção de muitas outras famílias ou contrata outros artesãos quando recebe grandes encomendas, sendo um tipo de “agente” dos artesãos de Mata dos Palmitos. A outra expõe suas peças semanalmente em uma importante feira de artesanato, na capital mineira, Belo Horizonte, e ainda “arrenda” os equipamentos para dois homens que pagam trabalhando também peças para ela. Mesmo assim, nas famílias das duas “empreendedoras”, as pequenas melhoras tecnológicas realizadas em seus processos produtivos foram realizadas por homens.

O restante da força de trabalho feminina, ou trabalha sob o comando dos homens da família ou sob o domínio dos “atravessadores” que compram sua produção, vendendo-a por um valor muito superior.

TRABALHO INFANTIL

De modo semelhante ao que acontece em outras atividades econômicas em zonas rurais, especialmente quando são familiares, há ocorrência de trabalho infantil na região. Para erradicá-lo, o Município de Ouro Preto contava com 20 bolsas PETI ⁵ para crianças de Mata dos Palmitos. Recentemente foi anunciado que esse número aumentará para 60 ⁶.

Apesar da pouca quantidade de crianças encontrada pela equipe nessa viagem, pôde-se observar, no percurso até os locais visitados, que havia crianças trabalhando em algumas casas que, vendo a equipe chegar, se afastaram. Os artesãos confirmaram que estavam cientes da proibição do trabalho infantil e, as crianças, não querendo ser vistas nas oficinas de pedra-sabão ou nas carvoeiras, escondiam-se quando chegavam visitantes desconhecidos.

Mesmo não encontrando crianças trabalhando nas unidades visitadas, a maioria dos artesãos e artesãs entrevistados relataram ter começado a trabalhar com pedra-sabão ainda crianças. Dos 33 entrevistados, nove não informaram a idade em que começaram a trabalhar com a pedra-sabão. Dos 24 restantes, onze reconheceram ter começado a trabalhar com pedra-sabão ainda crianças com idades entre os sete e os doze anos, sendo sete mulheres e quatro homens. Outros seis, três mulheres e três homens, disseram ter começado na adolescência, entre os 13 e os 17 anos. A maioria deles foi iniciada no trabalho artesanal por membros de sua família e muitos aprenderam com suas mães.

Em geral, o trabalho das crianças, segundo foi observado nesta visita e documentado em anteriores (Bezerra, 2002), restringe-se à fase de acabamento das peças, principalmente ao polimento. É possível que seja esse o motivo das meninas começarem mais cedo, realizando um tipo de trabalho mais leve e delicado, enquanto os meninos começam mais tarde, quando adquirem força suficiente para carregar e cortar a pedra, assim como para manejar o torno. Por outro lado, é igualmente possível que os meninos só reconheçam sua contribuição à renda familiar a partir do momento em que começaram a desempenhar tarefas de “homem”, considerando quaisquer outras atividades realizadas antes, como cortar a dois com o serrote ou lixar a pedra, como brincadeiras (Imagem 27, página 208).

Tanto nos estudos anteriores (BEZERRA, 2002) quanto neste atual, focados no artesanato, não foi observado nem inferido pelas entrevistas trabalho infantil que não fosse familiar, na condição de aprendiz e colaborador em relação à renda familiar. Entretanto, esta conclusão, no presente trabalho, pode ser devida a que não era esse o foco de observação da equipe e também ao reduzido tempo de convivência com os moradores de Mata dos Palmitos.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Na região de Mata dos Palmitos, assim como em outras regiões de países em desenvolvimento, a tradição social mantém as mulheres sob regime de sobrecarga; o trabalho não remunerado de atenderem suas famílias, muitas vezes, as impede de trabalhar longe de suas casas. Como tentativa de solucionar o problema estas mulheres trazem seus trabalhos para o ambiente doméstico. De forma semelhante, as artesãs de Mata dos Palmitos foram convertendo seus quintais em oficinas de artesanato em pedra-sabão, o que permite a elas realizarem ambos trabalhos, o remunerado da pedra e não remunerado do cuidado familiar, no mesmo espaço físico. Essa solução, que é eficiente quanto à divisão social do trabalho e que atende as tradições locais, apresenta graves problemas para a comunidade. Os principais são que as crianças e adolescentes acabam fazendo parte do processo produtivo artesanal pela proximidade com as oficinas e que a falta de cuidado com a segurança e saúde no trabalho, prejudica seriamente a todos os membros das famílias.

As observações mais relevantes nesta parte da pesquisa indicam usos e costumes ligados à questão de gênero. Na maior parte das unidades familiares visitadas, chefiadas ou não por mulheres, foram elas as que passaram a tradição para filhos, filhas, sobrinhos(as), netos(as), familiares em geral através das gerações.

Essas gerações mantêm relações diferenciadas com o artesanato. Enquanto as gerações mais velhas guardam um sentimento de gratidão pelo trabalho artesanal, as gerações mais jovens encaram o trabalho como falta de alternativa, além de se sentirem desvalorizados como trabalhadores e de terem consciência dos riscos para a

saúde aos quais se expõem por não trabalharem em ambientes adequados e por não usarem equipamentos de proteção. As gerações mais velhas, porém, não parecem mostrar preocupação com os riscos de saúde e segurança no trabalho com os que convivem. A falta de oportunidades para construção de um futuro melhor é uma preocupação observada entre os jovens de todas as unidades familiares visitadas.

As recomendações para uma atuação do CETEM eficaz nessa comunidade, onde o artesanato mineral é a atividade econômica principal e a única fonte de renda de diversas famílias, seria a procura de soluções tecnológicas para a redução da poeira e dos acidentes de trabalho e outros agravos (ruído, vibração, cortes, etc), conseqüentemente, reduzindo os impactos ambientais e melhorando as condições de vida e de trabalho da comunidade de Mata dos Palmitos.

A solução de problemas tecnológicos deve vir acompanhada do estudo mais aprofundado das relações e divisão social do trabalho, incluindo as questões de gênero e do trabalho infante-juvenil. Além do estudo destas questões e da procura de soluções tecnológicas, a equipe deste Prosul/CNPq pretende, no futuro próximo, trabalhar na comunidade de Mata dos Palmitos na construção de uma identidade local e individual e da valorização da atividade artesanal.

1 A escala de dureza MOHS é a escala utilizada em Mineralogia para quantificar a resistência que um determinado material oferece ao risco. Foi criada pelo austríaco Friedrich Mohs com 10 materiais de diferentes durezas existentes na crosta terrestre aos quais atribuiu valores de 1 a 10, ordenados de menor à maior resistência ao risco. (1- Talco; 2 – Gesso, 3 – Calcita, 4- Fluorita, 5 – Apatita, 6 – Fledspato, 7 – Quartzo, 8 –, 9 Topázio – Corindo, 10 – Diamante) Esta escala não corresponde à dureza absoluta de um material e existem outras escalas de dureza como a Brinell, a Rockwell, a Rockwell superficial, a Webster e a Vickers. (Escala de Mohs, adaptado de pt.wikipedia.org/wiki/Escala_de_Mohs)

2 Foram omitidos os nomes dos artesãos cujos comentários são, no texto, reproduzidos. Nas fotografias, sobre os rostos foi aplicada uma máscara.

3 É possível encontrar trabalho familiar em todas as atividades da cadeia de base mineral, com maior frequência naquelas que são informais. Encontra-se trabalho familiar na extração dos recursos minerais, em algumas pequenas minas e garimpos, como também na transformação desses recursos onde a informalidade o trabalho familiar podem ser encontrados nas olarias, na produção de tijolos, ou nas caieiras, onde a rocha calcária é transformada em cal e no artesanato mineral, por exemplo. Na produção de insumos, de igual forma, existe trabalho informal e familiar, como na produção de carvão vegetal para as siderúrgicas, e até na comercialização há pequenas “empresas” formais e informais, de caráter familiar.

4 A perspectiva de gênero objetiva o desenvolvimento eficiente dos recursos humanos e a equidade social. Considerando que as mulheres representam, aproximadamente, o 50% da população mundial e encontram-se, em sua maioria, em situação desfavorável a respeito do trabalho, as sociedades modernas colocam ênfase no desenvolvimento delas. Por isso, dedicam-se grandes esforços a conhecer os valores que, para as mulheres, são mais importantes, assim como conhecer seu perfil de motivação para a realização profissional. Os estudos são contraditórios; uns dizem que não há diferenças substanciais de gênero frente à motivação para o trabalho, enquanto que outros indicam diferenças consideráveis. Em um estudo apresentado na VII Conferência da Sociedade Internacional para Estudos de Valores no Trabalho e na Organização, em 2000, em Israel (Tchaicovsky e Elizur, 2000), foram entrevistados homens e mulheres da

Alemanha, Hungria, Israel, Japão e Brasil sobre seus valores no trabalho e a motivação para a realização. Os resultados indicam que há mais mulheres que homens, em todos os países, que dão maior importância aos valores afetivos.

A questão de gênero possibilita um olhar das mulheres como sujeitos coletivos, educadoras em potencial, com efeito multiplicador de informação. A vida diária da mulher é observada como elemento crucial para entendermos seu impacto nos contextos históricos, econômicos, religiosos e políticos específicos da região, na tentativa de identificar, na dinâmica do trabalho, características particulares destas comunidades, assim como situações específicas e conseqüências diferenciadas no tratamento entre os sexos.

- 5 O PETI, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, é um programa instituído pelo Governo Federal do Brasil sob a inspiração da OIT que tem conseguido reduzir significativamente o número de crianças trabalhando no país e em diversos países onde existe trabalho infantil. De 1995 a 2003, o número da mão-de-obra infantil (de 5 a 15 anos) diminuiu de 5,1 milhões para 2,7 milhões, uma redução de 47,5% (Ministério do Desenvolvimento Social e o Combate à Fome, 2006). O programa consiste na doação de uma bolsa mensal de pequeno valor (25 reais) para cada criança que seja retirada do trabalho pelos pais e é complementado com atividades extra-escolares mantendo as crianças ocupadas por mais algumas horas do dia e evitando, deste modo, que voltem a trabalhar.
- 6 Vale lembrar que, embora haja só 43 crianças matriculadas na escola de Mata dos Palmitos, essa só oferece até a quarta série do primeiro grau. O restante das crianças estuda na escola de Santa Rita. Por isso, esse número de bolsas prometido não excede o número de crianças em Mata dos Palmitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Olívia Maria de Paula Alves. **Condições de vida, produção e saúde em uma comunidade de mineiros e artesãos em pedra-sabão em Ouro Preto, Minas Gerais: Uma abordagem a partir da ocorrência de pneumonioses.** 2002. 1 v. Tese (Doutorado) - Medicina Veterinária, Preventiva e Epidemiológica, Departamento de Escola de Veterinária, UFMG, Belo Horizonte, 2002.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate À Fome. **Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI).** Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/programas/programas04.asp>>. Acesso em: 20 fev. 2006.

ESCALA de Mohs. adaptado pelos autores. Disponível em: <pt.wikipedia.org>. Acesso em: 08 fev. 2006.

SILVA, Maria Elizabeth da; ROESER, Hubert Mathias Peter. **Mapeamento de deteriorações em monumentos históricos de pedra-sabão em Ouro Preto.** Revista Brasileira de Geociências, Brasília, v. 33, n. 2003331, p.331-338, dez. 2003. Trimestral.

TCHAIKOVSKY, Fany Malin; ELIZUR, Dov. **Diferenças de gênero em valores no trabalho e motivação para realização.** VII Conferência Bi-Anual da International Society for the Study of Work and Organization, Jerusalem, Israel, 2000.
Disponível em: <www.bancodamulher.org.br/publicacoes/motivacao_para_realizacao.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2006.

Sobre os autores

Fanny Tabak

Doutora em Sociologia, coordenadora e diretora de projetos de pesquisa, fundadora do Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM) na PUC-Rio em 1980, autora de livros e artigos sobre diferentes temas, entre os quais: a mulher na Ciência, a participação política da mulher, relações de gênero, autoritarismo, democracia. E-mail: fanny@alternex.com.br

Zuleica Carmen Castilhos

Doutora e Mestre em Bioquímica, com formação em Farmácia e Bioquímica, pesquisadora cadastrada no CNPq – Conselho Nacional de Pesquisas, atualmente é Coordenadora de Planejamento, Acompanhamento e Avaliação – CPAA do Centro de Tecnologia Mineral – CETEM, do Ministério da Ciência e Tecnologia, tendo chefiado antes o Serviço de Desenvolvimento Sustentável – SEDS na mesma instituição, sendo responsável por uma vasta pasta de projetos. Seus trabalhos na área de desenvolvimento sustentável, especialmente no campo da toxicologia e geoquímica ambiental, ecologia aplicada e avaliação de riscos toxicológicos, foram publicados em diversos periódicos e nos anais de congressos nacionais e internacionais. É autora de livros sobre avaliação de risco à saúde humana através da contaminação por mercúrio e sobre análise de risco e impactos ambientais. E-mail: zcastilhos@cetem.gov.br

Andrea Mastrangelo

Doutora em Antropologia Social (Universidade Nacional de Misiones, Argentina). Especializada em caracterizar as conseqüências sociais dos grandes investimentos em mineração e florestais) nas áreas rurais. Atualmente é pesquisadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas -CONICET-, Argentina. É membro do Centro de Antropologia Social do IDES (Buenos Aires), RedMinas (Mineração sob a perspectiva de gênero, Argentina) e RESPOMIN (Associação pela Mineração Responsável da América Latina, com sede em Medellín, Colômbia). Realizou pós-doutorado com uma bolsa do CNPq na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Fundação Joaquim Nabuco. Brasil. Tem um livro publicado na Argentina e artigos na Argentina, no Brasil, no Chile e no México. Áreas temáticas de interesse: antropologia aplicada do desenvolvimento, conseqüências do desenvolvimento, conflitos e mudanças sociais, história da antropologia argentina. E-mail: amastran@sion.com

Gabriela Factor

Engenheira Química com M Sc. em Meio Ambiente Realizou seus estudos de graduação na Argentina e a pós-graduação na Dinamarca. Trabalhou como consultora em temas socioambientais relacionados à mineração e energia na Argentina, Bolívia e Laos. Sua experiência no Plano “Mulheres Mineiras de COMIBOL” contribuiu com um livro memorável: Fogo no gelo (*Fuego en el hielo*). As mulheres mineiras do Chorolque. É membro de RedMinas (Mineração sob a perspectiva de gênero, Argentina) e RESPOMIN (Associação pela Mineração Responsável América Latina, com sede em Medellín, Colômbia).
E-mail: gfactor@cedeconet.com.ar

Carlos Renato Carola

Professor e historiador da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); pesquisador cadastrado no CNPq e membro do Grupo de Pesquisa Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina; um dos primeiros historiadores do Brasil a publicar uma obra sobre a história do trabalho de mulheres em minas de carvão; desenvolveu sua pesquisa de doutorado pela USP tendo como objeto de estudo o “processo civilizador” que se desenvolveu por meio da assistência médica e das políticas de saúde pública que foram historicamente implantadas na região carbonífera de Santa Catarina. Atualmente vem desenvolvendo pesquisa na área de História Ambiental. E-mail: crc@unes.net

Nuria Fernández Castro

Espanhola de origem e brasileira de coração é uma engenheira de minas da Escola Politécnica de Madri (Espanha), especialista em Meio Ambiente e Recursos Naturais e especialista em Rochas Ornamentais, com grande interesse pela história social. Atualmente é bolsista do Programa de Capacitação Institucional do CNPq no Centro de Tecnologia Mineral - CETEM/MCT, no Serviço de Arranjos Produtivos Locais da Coordenação de Apoio Tecnológico à Micro e Pequena Empresa – CATE. E-mail: ncastro@cetem.gov.br

Angela Filgueiras Jorge

Economista, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, trabalhando na Coordenação de Trabalho e Rendimento – COREN/DPE/IBGE desde 1991. Coordenou, durante 9 anos, a COREN, que é responsável por três pesquisas por amostragem de domicílios: a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, a Pesquisa Mensal de Emprego – PME e a pesquisa sobre Economia Informal Urbana – ECINF. Desenvolveu vários estudos sobre mercado de trabalho e rendimento, setor informal e relações de gênero. Participou ativamente no planejamento e implementação de pesquisas domiciliares sobre características da força de trabalho no IBGE.

Hildete Pereira de Melo

Doutora em Economia, Professora da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense desde 1973. Coordenadora do Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Gênero (NUTEG) da UFF e editora da Revista Gênero da mesma universidade. Secretária-Adjunta da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência /RJ (2004/06). Diretora Administrativa-Financeira do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. Militante feminista publicou artigos e capítulos de livros sobre história econômica, mercado de trabalho e gênero. É casada, com três filhos e três netos. E – mail: hildete@economia.uff.br

Maria Helena M. Rocha Lima

Doutora em engenharia mineral, pela Escola Politécnica da USP, e mestre em economia, pela Universidade de Minnesota (EUA). Participou de diversos projetos nacionais e internacionais nas áreas de desenvolvimento econômico e social e de economia da tecnologia. Foi pesquisadora do projeto MMSD - *Mineração, Minerais e Desenvolvimento Sustentável*, em 2001, e de projetos de investigação em rede sobre a institucionalização da mineração em pequena escala, promovidos pelo MPRI/IDRC. Atualmente, participa do comitê executivo do projeto PROSUL no estudo sobre as questões de gênero e trabalho infantil na mineração, financiado pelo CNPq. E-mail: mrocha@cetem.gov.br

Nilo da Silva Teixeira

Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalha nas áreas de Cartografia Digital, Geoprocessamento e Banco de Dados. Atualmente é bolsista do Programa de Capacitação Institucional do CNPq no Centro de Tecnologia Mineral. E-mail: nteixeira@cetem.gov.br

Francisco Rego Chaves Fernandes

Trabalha desde 1976 na área de recursos minerais, sendo especializado em Economia Mineral, desenvolvimento sustentável e meio ambiente. É doutor pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo - SP e realizou o pós-doutorado na Escola de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal. E-mail: ffernandes@cetem.gov.br

Cesar Mosqueira Leyva

É advogado peruano e Mestre em Gerência Social da Universidade Católica. Dedicou-se, desde 1988, ao estudo, desenho e implementação de programas de desenvolvimento social no setor mineral e mais especificamente na mineração de pequena escala, a partir de 1995. Atualmente trabalha em Lima na Oficina Regional para América Latina e O Caribe da OIT, onde foi o encarregado de dirigir o *Programa para a prevenção e a eliminação progres-*

siva do trabalho infantil na mineração artesanal, desenvolvido na Bolívia, no Equador, na Colômbia e no Peru entre os anos 2000 e 2005. E-mail: mosquera@oit.org.pe

Ana María Aranibar

É pesquisadora da área de mineração desde o ano 1976, desenhou e desenvolveu vários programas de capacitação para homens e mulheres das comunidades mineiras bolivianas e várias pesquisas socioeconômicas em zonas vulneráveis da Bolívia. Está vinculada a grupos de base de mulheres mineradoras em defesa de seus direitos laborais e de participação cidadã. Participa de numerosas pesquisas no âmbito internacional e trabalha em temas sobre responsabilidade social na mineração. Atualmente é Gerente Geral da empresa Cumbre del Sajama. E-mail: sajama@accelerate.com

Daniel Lafuente

É um jovem administrador de empresas, pesquisador da empresa Cumbre del Sajama. Iniciou-se na equipe na área de organização e formalização do trabalho de mineradores de artesanais na Bolívia, para depois verter sua experiência em temas sobre Responsabilidade Social na Mineração. Atualmente desenvolve as atividades de coordenação de projetos, com experiência em relações comunitárias. E-mail: sajama@accelerate.com

Luddy Montecinos

Socióloga de profissão, sua maior fortaleza é o uso de metodologias adequadas para a compilação de dados em comunidades mineiras, assim como o desenvolvimento de programas de capacitação para mulheres e crianças, faz parte da equipe de profissionais da empresa Cumbre del Sajama. E-mail: sajama@accelerate.com

Olívia Maria de Paula Alves Bezerra

Nutricionista, Especialista em Nutrição e Dietética, Mestre em Administração/Organização e Recursos Humanos, Doutora em Ciência Animal/Epidemiologia, é professora do Departamento de Nutrição Clínica e Social da Escola de Nutrição da Universidade Federal de Ouro Preto. Desenvolve estudos em Saúde Coletiva, especialmente na área de Saúde, Trabalho e Meio Ambiente. Atualmente tem se dedicado a estudar a ocorrência de pneumoconioses (talcose/talcoasbestose) entre artesãos expostos à poeira de pedra-sabão (talco/asbesto) no município de Ouro Preto. E-mail: olivia@enut.ufop.br

Alessandra Portugal

Graduada em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Ciência Política - UFRJ/PPGCP. Atualmente participa do projeto PROSUL no estudo sobre as questões de gênero e trabalho infantil na mineração, financiado pelo CNPq. E-mail: aleport@uol.com.br

Agradecimentos

Agradecemos a Dra. Paola Capellin, professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, da UFRJ, de quem recebemos, gentilmente, a indispensável orientação para uma abordagem sobre a unidade familiar no desenvolvimento de nosso trabalho. Nossos sinceros agradecimentos também aos pesquisadores que compuseram a comissão organizadora do evento e a todos que, com sua presença e comentários, enriqueceram as discussões nas duas conferências realizadas neste PROSUL.

Links

DA RESPONSABILIDADE SÓCIO-AMBIENTAL:

Instituto Akatu

<http://www.akatu.org.br>

Instituto Socioambiental

http://www.socioambiental.org/home_html

INMETRO

<http://www.inmetro.gov.br/consumidor>

Instituto Ethos

<http://www.institutoethos.com.br>

IBASE- Instituto Brasileiro de Análise Social e Econômica (Ibase/Betinho)

<http://www.ibase.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>

IOS-Instituto Observatório Sindical

<http://www.observatoriosocial.org.br/portal/>

CEBDS-Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável

<http://www.cebds.org.br/cebds/>

Revista Filantropia

<http://www.revistafilantropia.com.br/revista/>

DO TRABALHO INFANTIL:

OIT-Organização Internacional do Trabalho

<http://www.ilo.org/> <http://www.oit.org>

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

<http://www.unicef.org/brazil/>

UNICEF - Prevenção e Combate ao Trabalho Infantil e Exploração Sexual

<http://www.unicef.org/brazil/prevencaoecombate.htm>

UNICEF-Selo dos Municípios

<http://www.selounicef.com/>

Marcha Global Contra o Trabalho Infantil

<http://www.globalmarch.org>

Ministério do Trabalho e Emprego

<http://www.mte.gov.br/Empregador/TrabInfantil/default.asp>

Ministério do Trabalho e Emprego/CONAETI-Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil

<http://www.mte.gov.br/Empregador/FiscaTrab/CombateTrabalhoInfantil/CONAETI/PlanoErradicacao/Default.asp>

MEC- Programa Bolsa-escola

<http://www.mec.gov.br/secric/estrut/serv/programa/default.asp>

Ministério da Educação

<http://www.mec.gov.br/>

CONANDA-Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

<http://www.presidencia.gov.br/sedh>

Ministério Público do Trabalho

www.mpt.gov.br/trab_inf

FNPETI-Forum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil

www.fnpeti.org.br

Ministério da Justiça/SEDH-Secretaria Especial dos Direitos Humanos/Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente

<http://www.mj.gov.br/sedh/dca/>

CDH-Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados

<http://www.camara.gov.br/cdh/>

Fundação ABRINQ Pelos Direitos da Criança

<http://www.fundabrinq.org.br/>

Missão Criança

<http://www.missaocrianca.org.br>

Imagens do Trabalho Infantil

<http://www.trabalho infantil.org.br/galeria/default.htm>

ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância

www.andi.org.br

CIRANDA-Central de Notícias dos Direitos da Infância e Adolescência

<http://www.ciranda.org.br/2004/index.php>

ABMP - Associação Brasileira de Magistrados e Promotores de Justiça da Infância e da Juventude

<http://www.abmp.org.br>

AMENCAR - Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente

<http://www.amencar.org.br>

ABONG- Associação Brasileira das Organizações Não Governamentais

www.abong.org.br

Simon Schwartzman

<http://www.schwartzman.org.br/simon/>

José Pastore

<http://www.josepastore.com.br/>

Abrapia- Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência

www.abrapia.org.br

Viva Rio

www.vivario.org.br

Kids denúncia

<http://portalkids.org.br/>

Ministério da Assistência Social

<http://www.mpas.gov.br/>

Ministério de Desenvolvimento Social e de Combate à Fome

<http://www.mds.gov.br/index.asp>

CEDECA Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan

<http://www.cedeca.org.br/>

Não à pornografia infantil

<http://www.violenciasexual.org.br/porninf/>



Imagem 1 - Mulheres e crianças no garimpo. Ver página 46.
(Sauer, 1992)

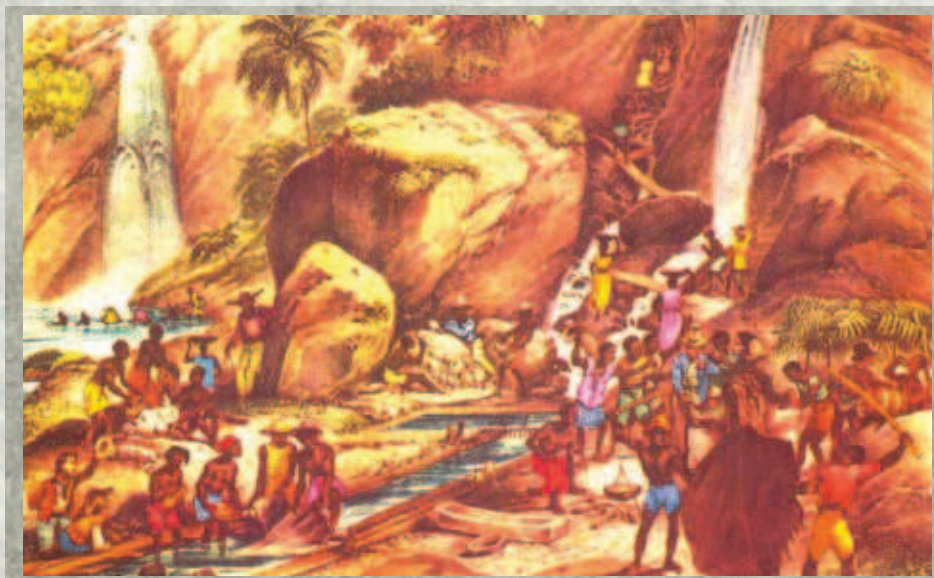


Imagem 2 - Mulheres carregando minério no garimpo, na época colonial. Ver página 53.
(Detalhe da litogravura de Johann Moritz Rugendas, *Lavage du minerai d'or, près de la montagne Itacolumi, Paris :1835 Em: Malerische Reise in Brasilien. 3e. Div., pl.22.*)

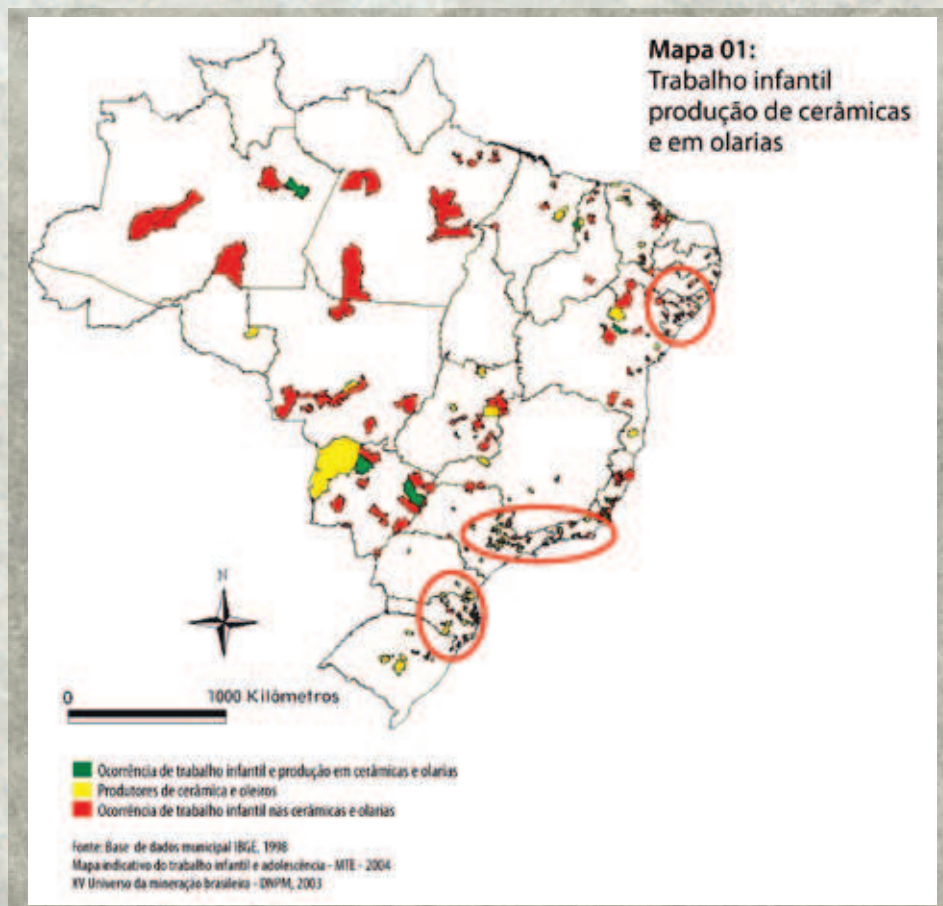


Imagem 3 – Mapa de Trabalho Infantil na Produção de Cerâmica e em Olarias. Ver página 83.
(Elaboração própria, fontes: IBGE, MTE, DNPM)

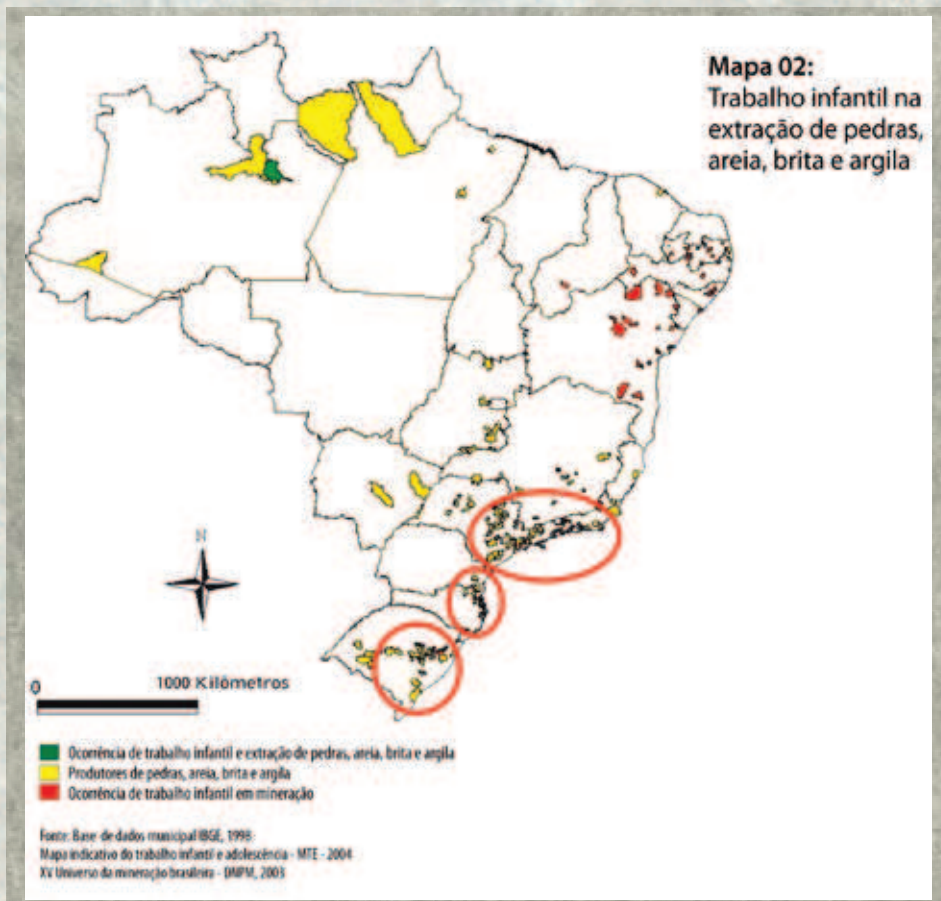


Imagem 4 – Mapa de Trabalho Infantil na Extração de Pedras, Areia, Brita e Argila. Ver página 86.
(Elaboração própria, fontes: IBGE, MTE, DNPM)

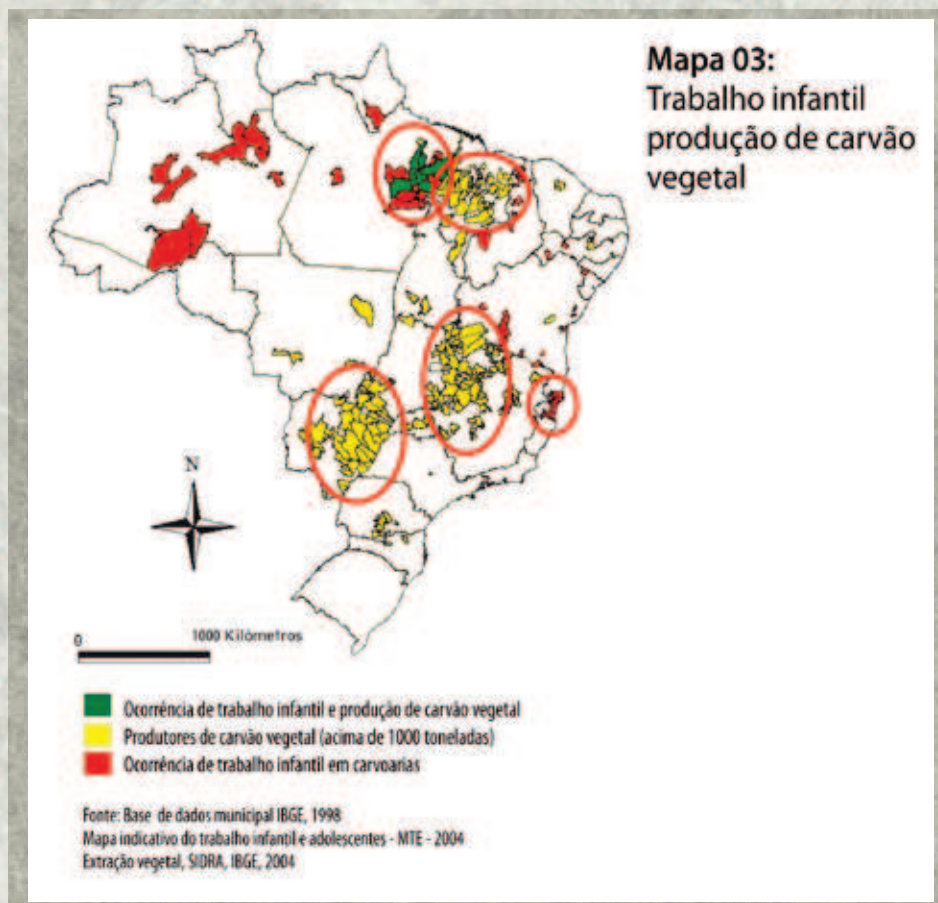


Imagem 5 – Mapa de Trabalho Infantil na Produção de Carvão Vegetal. Ver página 87.
(Elaboração própria, fontes: IBGE, MTE, DNPM)



Imagen 6 – Mapa de la Provincia de Misiones, Argentina. Ver página 135. (Dirección provincial de vialidad)



Imagen 7 - Pozo para la extracción de gemas. Ver página 145.
(Foto: Andrea Mastrangelo)



Imagen 8 - Niños en la entrada del pozo. Ver página 145.
(Foto: Andrea Mastrangelo)



Imagem 9 - Recordatorio de los accidentes ocurridos en la carretera donde venden las gemas. Ver página 145.
(Foto: Andrea Mastrangelo)



Imagem 10 - Acceso a la zona de Tipuani. Ver página 154.
(Foto: SAJAMA)



Imagem 11 - Barranquillas en el agua. Ver página 159.
(Foto: SAJAMA)



Imagem 12 - Niño con batea. Ver página 159.
(Foto: SAJAMA)



Imagem 13 - Niña palliri. Ver página 159.
(Foto: SAJAMA)



Imagem 14 - Palliris trabajando. Ver página 166.
(Foto: SAJAMA)



Imagem 15 - Localização da Vila de Mata dos Palmitos. Ver página 170.
(Fonte: Prefeitura municipal de Ouro Preto)



Imagem 16 - Matéria-prima para o artesanato, blocos de pedra-sabão. Ver página 172.
(Foto: Equipe PROSUL - CETEM/MCT)



Imagem 17 - Disco de corte da pedra-sabão. Ver página 172.
(Foto: Equipe PROSUL - CETEM/MCT)



Imagem 18 - Conformação manual da peça com machadinha. Ver página 172.
(Foto: Equipe PROSUL – CETEM/MCT)



Imagem 19 - Torno elétrico para o trabalho da pedra-sabão. Ver página 172.
(Foto: Equipe PROSUL – CETEM/MCT)



Imagem 20 - Acabamento da peça com lixa manual.
Ver página 172.
(Foto: Equipe PROSUL – CETEM/MCT)



Imagem 21 - Peças artísticas de artesanato manual.
Ver página 172.
(Foto: Equipe PROSUL – CETEM/MCT)



Imagem 22 - Poeira nas áreas de produção de artesanato, torno elétrico.
Ver página 173.
(Foto: Equipe PROSUL – CETEM/MCT)



Imagem 23 - Vista da cidade de Ouro Preto. Ver página 173.
(Foto: Zuleica Castilhos)



Imagem 24 - Carvoeiras nas proximidades de Mata dos Palmitos. Ver página 174.
(Foto: Nuria F. Castro)



Imagem 25 - Mercado de artesanato de Pedra-sabão de Ouro Preto. Ver página 176.
(Foto: Zuleica Castilhos)



Imagem 26 - Tabuleiro de xadrez em pedra-sabão. Ver página 176.
(Foto: Nuria F. Castro)



Imagem 27 - Crianças treinando o corte com o serrote. Ver página 181.
(Foto: Olívia Bezerra, 1999)